blimunda 87

mensal agosto 2019

fundação josé saramago

Editorial
TRAVAR O FASCISMO

Leituras
SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante
ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

CHARLOTTE SALOMON
SARA FIGUEIREDO COSTA

A BIBLIOTECA VAI A BANHOS
ANDREIA BRITES

And the winner is...
ANDREIA BRITES

Espelho meu
ANDREIA BRITES

saramaguiana
NOITE DE VERÃO
JOSÉ SARAMAGO

AGENDA

Epígrafe
JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 87 agosto 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm

EDITORIAL
TRAVAR O FASCISMO

No dia 10 de agosto cerca de 50 pessoas, incluindo algumas vindas de outros países europeus, reuniram-se num hotel em Lisboa para um encontro organizado por um grupo de extrema-direita. A auto-intitulada «conferência nacionalista» foi acompanhada pelo repórter Alexandre R. Malhado, que contou na revista Sábado ter testemunhado saudações nazis e discursos de ódio (contra refugiados, homossexuais, judeus e a «raça mista»).

No mesmo dia, em outro ponto da cidade, uma concentração antifascista convocada por diversas entidades reuniu centenas de pessoas. Um manifesto assinado por 65 organizações antifascistas (28 portuguesas e 37 estrangeiras) pedia que o encontro dos extremistas fosse proibido. «A conferência nacionalista é um insulto ao povo português que, em abril de 1974, derrubou a ditadura fascista», declarou a União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP). À Agência Lusa, uma fonte afirmou que o Serviço de Informações de Segurança (SIS) estava a acompanhar «muito de perto» a conferência nacionalista.

A extrema-direita vem ganhando força nos últimos tempos em todo o mundo. Em alguns lugares, como no Brasil, representantes que discursam abertamente contra alguns grupos (homossexuais, indígenas, negros etc.) chegaram ao poder. É possível travar essa ascensão do fascismo? O que podemos/devemos fazer?

Em 2005, José Saramago disse numa entrevista: «A minha esperança é que a opinião pública mundial, que às vezes é uma coisa muito abstracta, consiga algo semelhante ao que aconteceu com o Vietname, parou a guerra.» E acrescentou: «Despertar um grande movimento na opinião pública que trave o fascismo é uma coisa possível, se as pessoas tiverem gosto em pensar que, com a sua pessoa e com a pessoa do seu vizinho se pode fazer alguma coisa».

É possível frear o fascismo, mas é preciso união e comprometimento dos diversos atores sociais: sociedade civil, partidos políticos, instituições governamentais, organizações internacionais e cada um de nós, cidadãos. Só assim, atuando na esfera macro e também micro – com a pessoa do seu vizinho, como dizia Saramago -, será possível criar um movimento para impedir que os fascistas ganhem terreno.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

Toni Morrison por Zadie Smith

Como muchas chicas negras de mi generación, le di a Morrison, como persona individual, una función imposible.

No *El País*, publica-se o texto que Zadie Smith escreveu sobre a escritora norte-americana Toni Morrison, um dos muitos que integrou a homenagem realizada pelo PEN América na sequência da morte da autora, no início deste mês. «En las estanterías de mi madre sí que había "escritoras negras" y "Toni" era la primera entre ellas, pero ninguno de esos seres se mencionó jamás en ninguna de las clases a las que asistí y no puedo recordar haber visto nunca a ninguna en televisión, o en los periódicos, o en ninguna otra parte. Por eso, leer *Ojos azules*, *Sula*, *La canción de Salomón* y *La isla de los caballeros* por primera vez fue algo más que una experiencia estética o psicológica; fue algo existencial. Como muchas chicas negras de mi generación, le di a Morrison, como persona individual, una función imposible. Quería ver su nombre en el lomo de un libro y sentir la misma presunción lánguida y la misma seguridad arrogante de relación familiar, de potencial heredado, que sentía cualquier chico anglosajón en el colegio —independientemente de lo poco cultivado o lo indiferente que fuera hacia la literatura— cada vez que oía el nombre de William Shakespeare, por ejemplo, o de John Keats.» ▶

O futuro tem de ser para todas

Notei por mim própria que no continente africano não criamos soluções para os nossos problemas. Temos de esperar por ajuda externa, ou pela intervenção do Governo. Quis mudar isso.

Regina Honu, nascida no Gana e especialista em tecnologia, criou um programa destinado a ensinar código e programação a raparigas no Gana e no Burkina Faso. Numa entrevista ao *Público*, explica o contexto em que este programa surgiu como ideia imprescindível para alterar mentalidades e a própria realidade circundante: «Porque decidiu criar a Soronko Solutions? Surgiu de uma dificuldade que tive. Durante a minha juventude, sempre me disseram que a tecnologia não era para raparigas, só para rapazes. Notei por mim própria que no continente africano não criamos soluções para os nossos problemas. Temos de esperar por ajuda externa, ou pela intervenção do Governo. Quis mudar isso. Senti que os jovens do meu país e do continente [africano] tinham a capacidade para resolver os seus próprios problemas, mas era preciso dar-lhes ferramentas para que o pudessem fazer.» A especificidade deste programa, que tem as raparigas como principais destinatárias, assenta na constatação de que a tecnologia é uma área que parece reservada aos rapazes e aos homens, desde as primeiras abordagens em contexto escolar à realidade do mundo laboral, e isso é algo que Regina Honu quer mudar rapidamente: «(…) Se as mulheres não forem incluídas nesta área, o que vai acontecer é que a tecnologia criada terá apenas a perspetiva masculina. Isso é um problema, porque tanto homens como mulheres têm diferentes experiências, perceções e desafios. Se tivermos apenas homens a criar novas tecnologias, as mulheres e raparigas serão novamente marginalizadas e a revolução digital terá os homens que criam a tecnologia no centro, a controlar o percurso das restantes.» ▶

Balada para un loco

Unos me tiraban monedazos y me gritaban 'andá a lavar los platos', entre las cosas reproducibles; otros se levantaban de las butacas aullando '¡Viva! ¡Bravo!'.

Passa este ano meio século sobre a composição de uma das mais importantes peças da história do tango. "Balada para un loco", de Astor Piazzola e Horacio Ferrer, surgiu em 1969, misturando referências locais, literárias, cinematográficas e históricas, e chegou ao palco do concurso Luna Park, uma espécie de festival da canção, na voz de Amelita Baltar, mudando para sempre o cenário da música argentina. Na *Revista Ñ*, do jornal argentino *Clarín*, Irene Amuchastegui aproveita a celebração da data, programada pelo Festival de Tango de Buenos Aires, para contar a história desta canção. «"Balada para un loco" representó una auténtica revolución musical y poética: la rutura con una tradición que seguía admitiendo con más facilidad una "mezcla rara de Museta y de Mimí" con aires decimonónicos (como en "Gricsta", de 1924) que una "mezcla rara de penúltimo linyera y de primer polizón en el viaje a Venus" (en el año del alunizaje), y que además portava los andamiajes musicales del género con la inspiración que no cabía sino esperar de Piazzolla.» Ao vivo, "Balada para un loco" dividiu o público, mas o seu impacto provou ser duradouro, tirando razão aos que a desprezaram: «Baltar, como intérprete, completaba la tríada de "Balada...". En 1967 había llegado para reemplazar a Egle Martin, la heroína que Astor había imaginado originalmente para la operita María de Buenos Aires. Amelita suele recordar la final del Luna Park, la noche de la derrota y la consagración al mismo tiempo, casi como una batalla campal. "El criterio de gente a favor y en contra casi no me dejaba oír la orquesta. Unos me tiraban monedazos y me gritaban 'andá a lavar los platos', entre las cosas reproducibles; otros se levantaban de las butacas aullando '¡Viva! ¡Bravo!"» ▶

Literatura, discriminação e luta

Tenho certeza que o Brasil é racista. Desde os anos 1980 o movimento social negro teve um papel muito importante na desconstrução do mito da democracia racial.

A *Mídia Ninja*, projeto independente de jornalismo cidadão, publicou recentemente uma entrevista com a escritora brasileira Conceição Evaristo. O racismo estrutural da sociedade brasileira, o papel das mulheres, nomeadamente na Academia das Letras, o discurso falacioso da meritocracia e as novas abordagens que surgem na literatura feita no Brasil são alguns dos temas abordados pela autora. Um excerto: «Você acha que o Brasil é um país racista? O que de concreto lhe leva a crer que sim ou não? Tenho certeza que o Brasil é racista. Desde os anos 1980 o movimento social negro teve um papel muito importante na desconstrução do mito da democracia racial. Hoje qualquer brasileiro dizer que não somos um país racista ele tem que ser muito alienado ou muito cínico. O grande salto do Brasil foi ter tido a coragem de por o dedo na ferida. O primeiro discurso oficial de um chefe da nação nesse sentido foi do FHC, mas também não por ele ser consciente e sim por pressão dos movimentos sociais. As denúncias nas conferências e tratados internacionais até a gente chegar às ações afirmativas. Todas as nações construídas através das diásporas Africanas enfrentam esse racismo. A América Latina, as Américas Centrais, os EUA, fora os próprios países africanos com a chegada dos colonizadores, como o grande exemplo do apartheid na África do Sul. Nos engana justamente a falácia da democracia racial e que seríamos o grande exemplo dessa possibilidade. Nós negros sabemos muito bem que há uma diferença imensa, por exemplo, entre você e um homem negro. A sua cor te permite uma passagem que ao homem negro não é permitida, e eu ao lado de uma mulher branca. Não podemos pensar a questão racial só nas relações sociais, e sim no sistema.» ▶

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

CRÍTICAS FELINAS (2014-2018)
O GATO MARIANO
CHILI COM CARNE

Está nas livrarias há uns meses, mas é mais do que acertado escrever sobre o livro de um crítico apontando a idiotice de só se escreverem críticas a livros que saíram há pouco tempo. As recensões podem servir para vender livros (ainda servirão?), mas não devem escrever-se desse ângulo. A atualidade, pelo seu lado, é apanágio do jornalismo, mas a crítica deve ser outra coisa, supõe-se, mais dedicada a refletir, cruzar, convocar e pensar do que às agendas aceleradíssimas em que o mercado da edição se organiza. O livro, então. *Críticas Felinas* (2014-2018) reúne uma seleção de trabalhos de O Gato Mariano, aka Tiago da Bernarda (ou seria melhor escrever ao contrário?), que foram sendo publicadas em diferentes plataformas. O Gato Mariano é um crítico musical, e um dos mais acutilantes, informados e inteligentes que temos a trabalhar nesta área, com a particularidade de se expressar recorrendo à banda desenhada. Este é, portanto, um livro de banda desenhada, uma antologia de críticas e um volume imprescindível para quem queira estar a par do que se vai gravando e ouvindo em Portugal nestes últimos anos.

Cada prancha deste felino guarda várias camadas de pensamento sobre um disco, uma banda, uma cena musical...ou, às vezes, uma embirração pessoal. Se o Gato Mariano escrevesse recensões aptas para se encaixarem num suplemento cultural impresso, talvez essas camadas correspondessem a frases longas que contextualizassem uma determinada corrente, ou as influências de uma banda, por exemplo, mas a utilização da banda desenhada permite-lhe espalhar tudo isso de um modo que pareceria improvável, pela complexidade envolvida, mas que acaba por ter aquele efeito das coisas difíceis e bem feitas, o de parecer simples, muito simples. Um suspiro nada amigável deste gato perante uma moda musical junta, entre imagem, texto, caracterização da personagem principal, vinhetas adjacentes e comentários à margem, toda uma panóplia de informação sobre aquilo que realmente atravessa a cabeça do bicho, a sua leitura/audição, a sua compreensão crítica. Pouco importa se vemos um dos nossos músicos preferidos a ser reduzido a uma insignificância que não compreendemos: afagar o ego dos leitores não é o papel da crítica. O Gato Mariano tem um pensamento, um universo mental que consegue comunicar e levar quem o lê a pensar também. Pelo meio há as incoerências, as manias, os incómodos e aquilo que pode ir mudando com o tempo. E isto, ao contrário do que possa parecer, sobretudo a quem veja a crítica como um sistema infalível de taxinomia estética (ou como um ninho de cobras com interesses ocultos, porque também há essa versão), é um elogio. Dos grandes.

ANDREIA BRITES

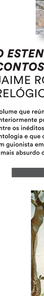
SARA FIGUEIREDO COSTA

SISTEMA NERVIOSO
LINA MERUANE
RANDOM HOUSE

Depois de uma novela e de um livro de crónicas, a autora chilena regressa às livrarias com um romance onde a doença é o fio condutor das histórias e das relações de uma família, com as fragilidades, as incertezas e os não-ditos que caracterizam este complexo microcosmos, e é também o modo possível de ir traçando um percurso atento e comprometido pela história recente do Chile.

O AQUÁRIO
JOÃO PEDRO MÉSSEDER E CÉLIA FERNANDES CAMINHO

Neste livro ilustrado o leitor não reencontra a poesia do escritor. Desta feita a narrativa centra-se num aquário, como o título bem indica e na relação entre os peixes que o habitam. Diferença, estigma, discriminação, medo e solidariedade são os valores em diálogo subjacente ao texto, com final feliz e moral. As ilustrações não acrescentam informação sobre o desenvolvimento da ação, sobre as características das personagens nem tão pouco promovem juízos afetivos ou de valor ou inferências. Confirmam a narrativa textual e destacam momentos paradigmáticos.



PERSONA
EDUARDO PITTA
DOM QUIXOTE

Nova edição de um livro há muito esgotado, *Persona* reúne três contos que podem ser lidos como partes de uma narrativa comum cujo pano de fundo cruza uma espécie de educação sentimental com o cenário colonial de Moçambique, focando-se na liberdade sexual e nos constrangimentos a que esta tem de se submeter.

O ESTENDAL E OUTROS CONTOS
JAIME ROCHA
RELÓGIO D'ÁGUA

Volume que reúne nove contos do autor, alguns anteriormente publicados, outros inéditos. Entre os inéditos está «O Estendal», que dá título à antologia e que coloca a personagem do «estrangeiro», um guionista em busca de paisagens, silenciado perante o mais absurdo dos estendais.

O BARCO DAS CRIANÇAS
MÁRIO VARGAS LLOSA
EDITORIAL PRESENÇA

A Cruzada das Crianças, deturpação romanceada de factos históricos passados no século XII, é a base desta narrativa do Nobel peruano. Um homem muito velho passa os dias a perscrutar o mar, chamando a atenção de um rapaz que se acerca dele. A partir de então desvela-se uma viagem pejada de elementos religiosos, morais e do maravilhoso. Vargas Llosa justifica a eternidade e a invisibilidade do grupo de crianças a que pertence o narrador como um milagre, uma recompensa divina pela sua pureza, em oposição à crueldade dos adultos.

GANHADORES – A GREVE NEGRA DE 1857 NA BAHIA
JOÃO JOSÉ REIS
COMPANHIA DAS LETRAS

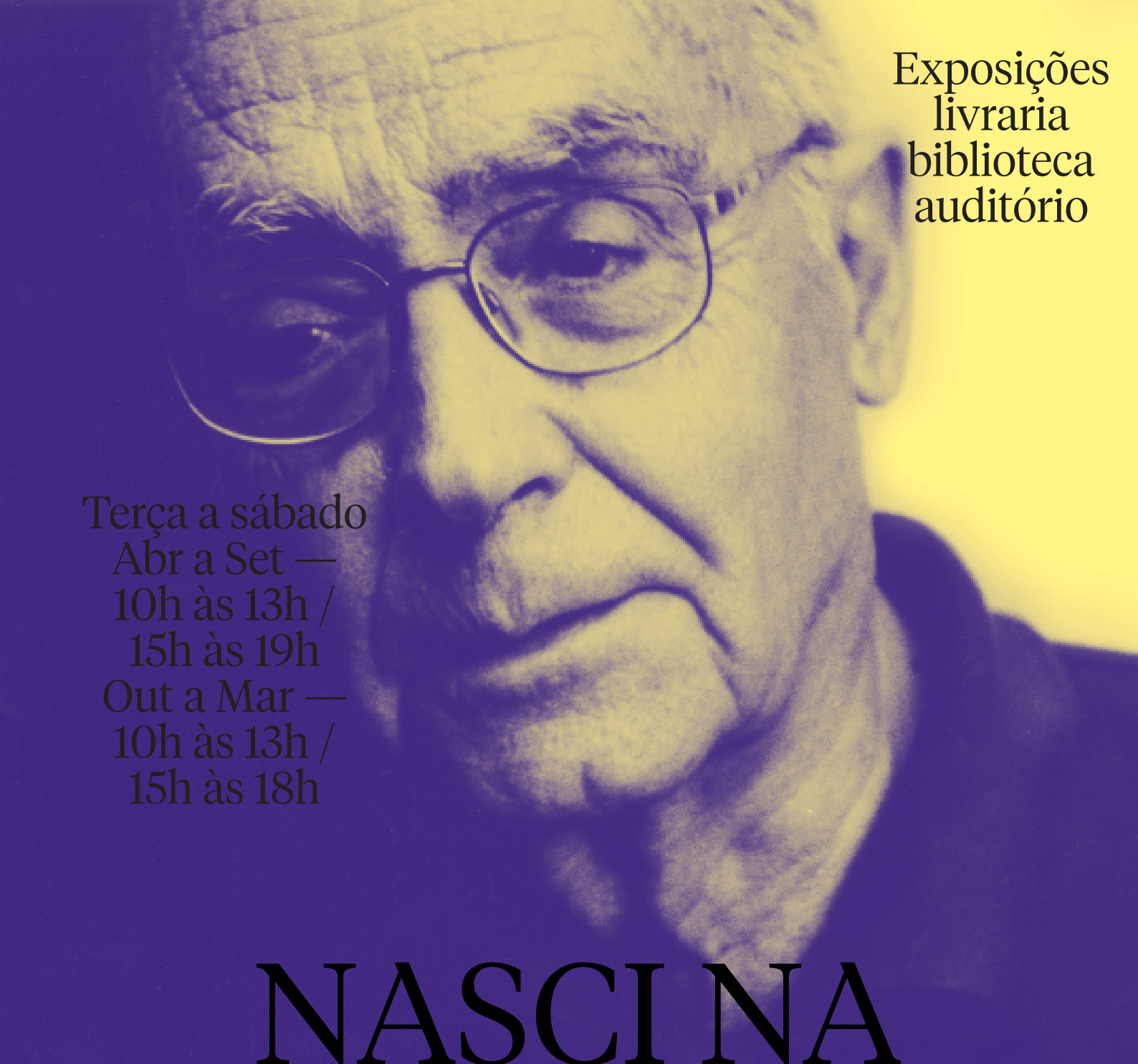
O historiador João José Reis reconstitui a história dos negros de ganho, também chamados de ganhadores, protagonistas de uma inédita greve que paralisou o transporte na capital baiana durante vários dias em 1857. Trabalhadores escravizados, organizavam-se em grupos que percorriam a cidade fazendo todo o tipo de trabalhos, sobretudo pesados. Quando a Câmara Municipal apertou o cerco sobre os seus direitos, iniciou-se aquela que foi a primeira mobilização grevista no Brasil a paralisar todo um setor da economia urbana.

O JORGE E A SUA SOMBRA
DAVIDE CALI, SERGE BLOCH
HARPER KIDS

Do conto de Andersen muitos outros nasceram: recontos, adaptações livres, resscritas. A ideia da sombra que se liberta do homem não tem por isso nada de novo. Porém, há todo um imaginário relacionado com a identidade, a representação de si e até a pertença que pode ser explorado. A dupla reconhecida pelo magnífico álbum Eu espero centra-se, com humor, na solidão e na cumplicidade que se cria com o outro. Depois da surpresa e da rejeição, Jorge não só aceita a irreversível autonomia da sua sombra como a descobre enquanto parceira. Mas as surpresas não se ficam por aqui.

A INVENÇÃO OCASIONAL
ELENA FERRANTE
RELÓGIO D'ÁGUA

Convidada pelo *The Guardian* para escrever uma coluna semanal, Elena Ferrante pediu que o jornal lhe colocasse perguntas às quais iria respondendo. O novo volume da autora é o resultado dessa colaboração, iniciada em 2017, com o jornalista, e reúne cinquenta e um textos sobre assuntos diversos, entre o quotidiano da autora e as suas reflexões sobre o mundo.

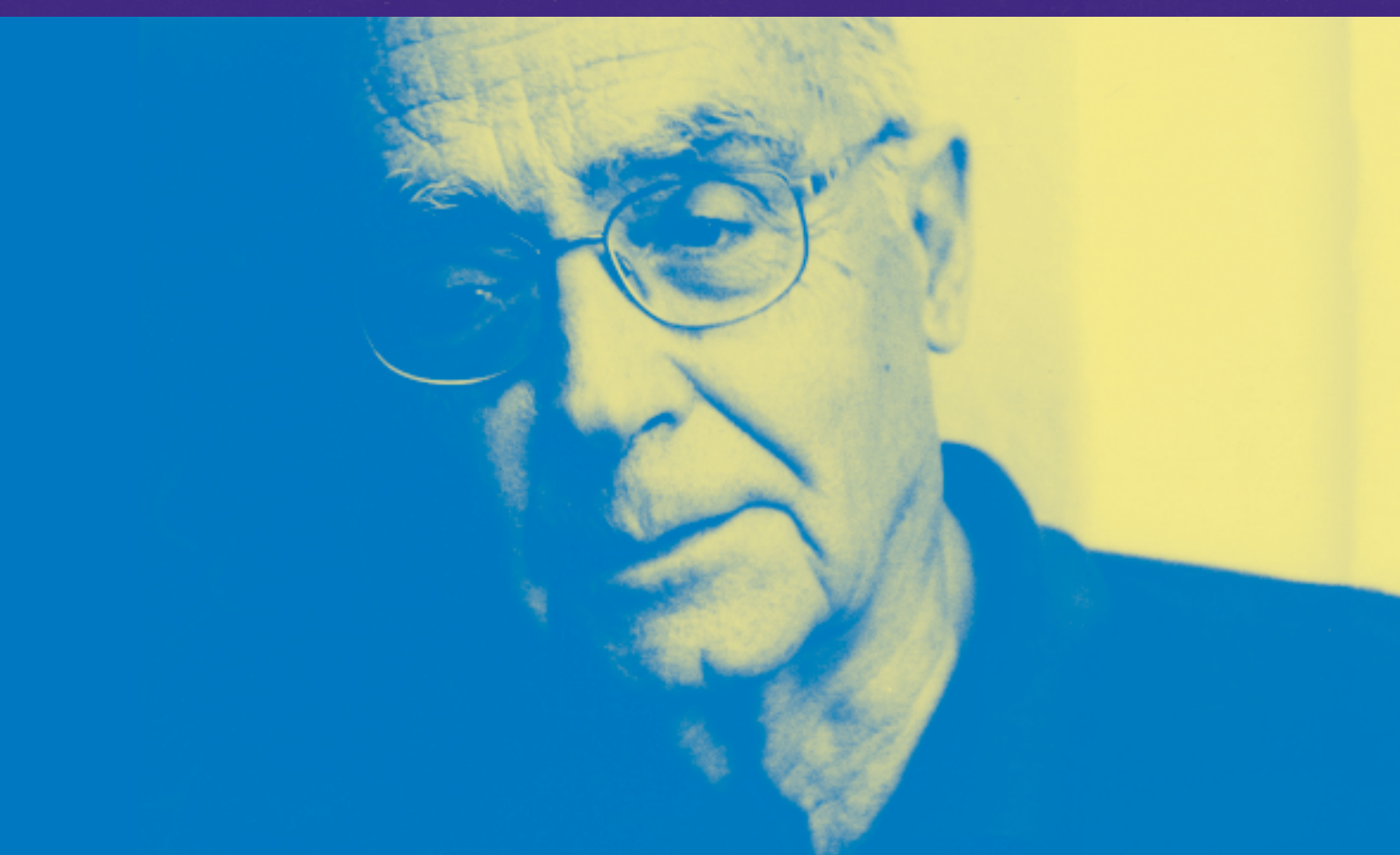


Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGA 10 ANOS YEARS ANOS Fundação José Saramago



AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

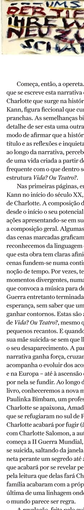
Charlotte Salomon erguer uma vida sem lhe adivinhar as ruínas

SARA FIGUEIREDO COSTA

Nasceu no ano da Revolução Russa, morreu às mãos dos nazis, no campo de concentração de Auschwitz. Charlotte Salomon atravessou os anos trágicos da primeira metade do século passado com a consciência de viver num mundo que ameaçava colapsar. E não era apenas o mundo exterior. Dentro de casa, Salomon cresceu com a angústia a invadir-lhe os dias, disfarçada com dedicação pelo quotidiano familiar, mas insinuando-se nos sobressaltos, nos silêncios, nas histórias de família omitidas ou mal contadas.

A história de Charlotte Salomon é contada pela própria numa obra que hoje se classificaria como autoficção. *Leben? oder Theater?* em português, *Vida? Ou Teatro?* é uma imensa narrativa gráfica, setecentas e sessenta e nove pranchas feitas a guache, separadores em papel vegetal, uma operetа visual que sobreviveu ao fogo e que a entregue nas mãos cuidadosas de outrem antes de ser presa pelos nazis. Nessa altura, Salomon vivia no sul de França com o avô e a tia que, perante uma relação avassaladora sobre a sua vida, decide criar esta obra.

Parte dos originais deste livro estiveram em exposição no Museu Berardo, em Lisboa, permitindo-nos ainda a sequencial da obra, mesmo que sem a totalidade das suas páginas. A obrіr, Salomon regista uma espécie de explicação, carta de intenções sobre o modo positivel para se entrar nesta encenação gráfica: «*A criação das pinturas que se seguem deve ser imaginada da seguinte forma: Uma pessoa está sentada junto ao mar. Está a pintar. Subitamente, uma melodia invade o seu espírito. Ao começar a cantarolá-la, apercebe-se de que a melodia corresponde exatamente àquilo que tenta passar para o papel. Forma-se um texto na sua mente, e começa a cantar a canção com as suas próprias palavras, uma e outra vez, em vez alta, até a pintura parecer terminada. Frequentemente, configuram-se vários textos, e o resultado é um dueto, ou até ocorrem que cada personagem tenha de cantar um texto diferente, o que resulta no aparecimento de um coro. A natureza variada das pinturas deve ser atribuída mais à natureza variada das personagens representadas do que ao autor. Este tenta – como talvez seja evidente na Secção Principal – ser completamente de si mesmo, e permitir que as personagens cantem ou que falem com as suas próprias vozes. Para o conseguir, foi preciso renunciar a vários valores artísticos, mas espero que tal seja perdoado, tendo em consideração a natureza da obra, que tão facilmente penetra o espírito.*»



Começa, então, a operetа. Não é na primeira pessoa que se escreve esta narrativa e isso terá um significado. A Charlotte que surge na história não é Salomon, é Charlotte Kann, figura fictícia que cumprirá o seu destino nestas pranchas. As semelhanças biográficas são óbvias, mas o detalhe de ser esta uma outra Charlotte é mais do que um modo de afirmar que a história é ficcional. Invocando o título e as reflexões e inquietações que vão despontando ao longo da narrativa, perceber-se que a encenação, a ideia de uma vida criada a partir de fora, mesmo que em choque frequente com o que dentro se vai passando, é a linha que estrutura *Vida? Ou Teatro?*.

Nas primeiras páginas, entramos na vida da família Kann no início do século XX, ainda antes do nascimento de Charlotte. A composição de cada pranchа afirma desde o início o seu potencial narrativo, com diferentes ações apresentando-se em sucessão sem que isso quebre a composição geral. Algumas pranchas têm a divisão das cenas marcadas graficamente, de um modo que reconhecemos da linguagem da banda desenhada, com que esta obra tem claras afinidades, mas no geral as cenas fundem-se numa continuidade, id como a própria noção de tempo. Por vezes, texto e imagem remetem para momentos divergentes, numa espécie de contraponto que convoca a música para dentro do livro. Como a I Guerra entretanto terminada, Berlim vive os anos da esperança, sem saber que uma nova tragédia começa a ganhar contornos. Estas são as páginas mais luminosas de *Vida? Ou Teatro?*, mesmo que a escuridão se insinue em pequenos recantos. E quando Charlotte tem oito anos, a sua mãe suicida-se sem que lhe seja dita a verdade sobre o seu desaparecimento. A partir daqui, uma outra linha narrativa ganha força, cruzando-se de tal modo com a que acompanha o evoluir dos acontecimentos na Alemanha e na Europa – até à ascensão do nazismo – que acabará por nela se fundir. Ao longo do corpo deste imenso livro, conhecemos a nova mulher do pai de Charlotte, Paulinka Bimbam, um professor de música por quem Charlotte se apaixona, Amadeus Daberlohn, ou os avós que se refugiam no sul de França, para onde a própria Charlotte acabará por fugir (à semelhança do que acontece com Charlotte Salomon, a autora). E é em França, quando começa a II Guerra Mundial, que a avó de Charlotte Kann se suicida, saltando da janela à sua frente e deixando a neta perante um segredo até aí ela encondido, mas que acabará por se revelar pelas palavras do seu avô e pela leitura que delas fará Charlotte: várias mulheres da família acabaram com a própria vida e Charlotte Kann é a última de uma linhagem onde a incapacidade de suportar o mundo parece ser regra.

A revelação, feita pelo avô, do historial de suicídios na família fá-la perceber que tudo o que sabia sobre si e sua história era mentira, uma encenação, e talvez responder com outra encenação – ainda para mais, uma que questiona as fronteiras entre as duas coisas – fosse o único modo de relacionar-se com isto sem estilhaçar-se. Neste ponto da narrativa, já não é possível evitar o eco constante do título do livro, nem deixar de ver em cada imagem desta história, em cada composição de pranchа, um gesto desesperado para contrariar uma tragédia que parece anunciar-se como destino.

Encerrada a narrativa, a biografia confirmará que o destino trágico se cumpriu, afinal, não com a continuidade dos suicídios familiares, mas às mãos dos nazis. Essa informação, exterior a *Vida? Ou Teatro?* e obviamente posterior à cronologia da própria autora, acaba por se fundir também ela obra, ampliando-lhe a dimensão de angústia e de abismo e fazendo-nos ler sempre que faz nascer novos sentidos à medida que o tempo passa, respirando muito para lá da existência de quem o criou e do seu impulso e reflexões que lhe deram origem. Lê-se o texto final e é difícil não ler nele as muitas tragédias desses anos infames em que Hitler estreve no poder, as vidas perdidas – não como mero efeito colateral, mas como parte da esperança e no futuro. «E, de súbito, ela percebeu duas coisas. Primeiro, que os álbuns de Daberlohn pareciam dizer "A Morte e a Donzela somos nós os dois", e, depois, que ela ainda o amava como sempre o amara.» Ou ainda: «Morte, estão estas vidas tão bem, e ela não teria de se estar como fora o caso dos seus antepassados (...)». Por vezes, um ponto final é apenas o desejo de uma continuidade, mas está para lá do poder de quem o usa definir se a história chegou ou não ao fim.

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

a biblioteca vai a banhos

ANDREIA BRITES

A Biblioteca de Praia de Santa Cruz inaugurou-se a 1 de julho de 2004. Muitas se lhe seguiram, quer em concelhos do litoral quer no interior do país junto a praias fluviais ou piscinas.

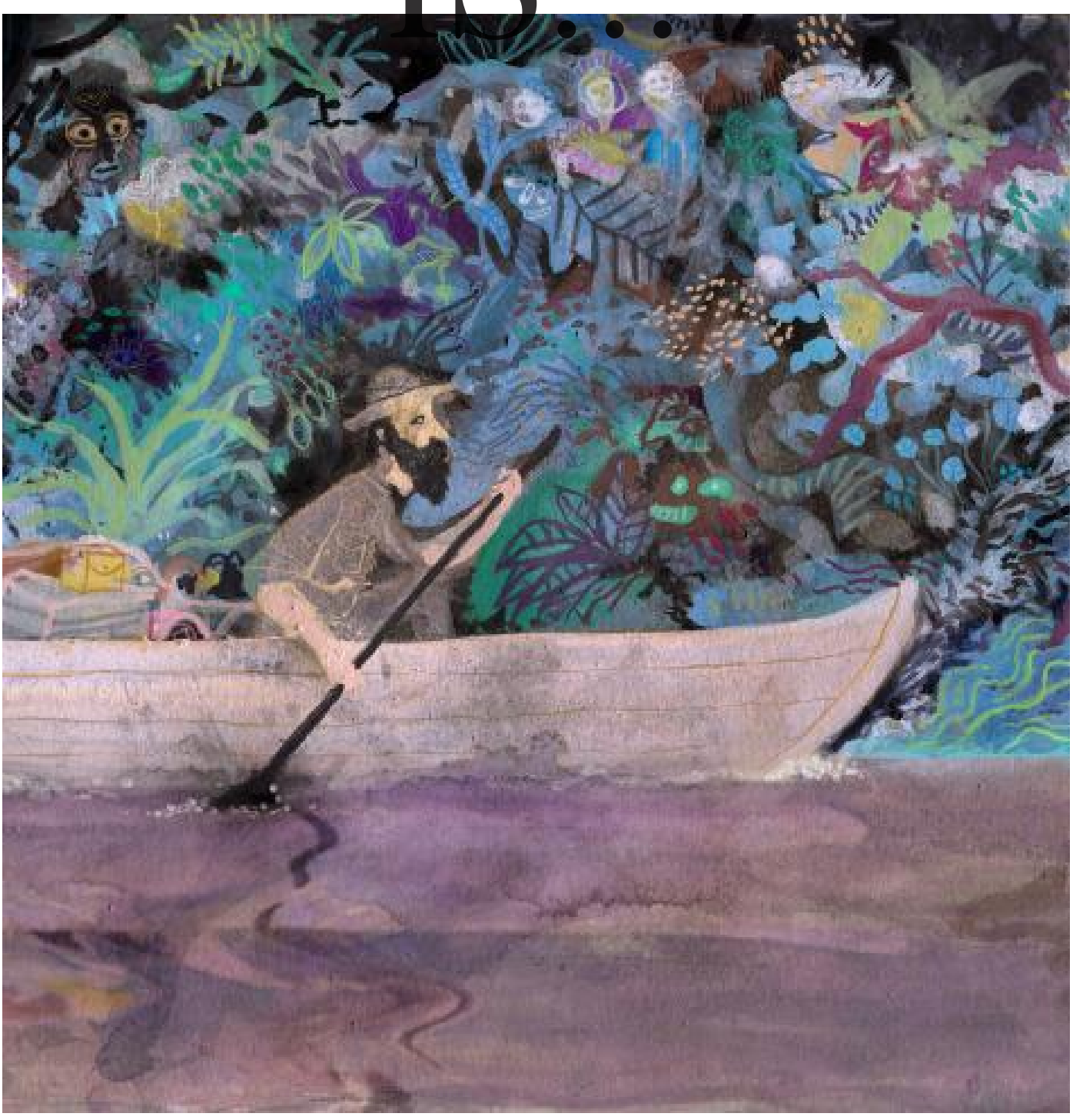
Goretti Cascalheira, a diretora da Biblioteca Municipal de Torres Vedras recorda o empenho no projeto para o espaço, as atividades que se realizaram para as pareder-es a pintura de Ana Meireles que já foi entretanto pintada por via da ofen-ditas de Sado. «Lembro-me do chão de um prédio na Baia Dr. Esteves de Oliveira está cheio de livros e eu estou a dar-lhes o ok para a pintura» sendo depois utilizada, durante o resto do ano, pelo Clube Cénico Literário e computadores com acesso à internet. Em Vedras, à Biblioteca Central, em cada início e fim de época.

Não é assim tão estranho que, ao contrário do que acontece noutras estações, a praia seja um bom sítio. «Em Santa Cruz está muitas vezes mau tempo, infelizmente», comenta Gorette Cascalheira. «Mas também é verdade que o espaço oscilação por muita gente para estar. Pedem-lhe o jornal, ou os computadores, ou os livros. Não é só para as crianças. E acolhedor.»

Já Ana Nogueira, que é atualmente responsável na Biblioteca de Praia de Santa Cruz desde 2010 e antes também tinha estado na Praia da Areia Branca, é capaz de contrariar não ficou muito ao pormenor que o espaço. Apesar disso, não só uma roulotte no passeio junto à praia como também uma tenda, que é o que acontece este ano, onde todos os dias, entre as 10.30 e as 16.30. Também para as famílias com crianças há, a cada quinze dias, um espetáculo de contos. Estas sessões decorrem sempre de manhã, não exclusivamente no período de verão, mas também de julho e agosto. Ou Horas de Conto. «A diminuta é diferente...»

Claro que em dezoito e tantos o público já muda». «Mudam as curas. As vezes pergunto aos avós pelos netinhos e eles dizem que já não vêm. Que vão com os de férias, ou que estão ocupados, que estão na faculdade... Há um pico de adolescentes que se perde. Não sei se é porque vão de vir porque as crianças crescem.» E, ao contrário dos adolescentes que só vão lá uma vez, o público que continuam a ir. Ainda como os adultos entre os 30 e os 40. Ana Nogueira também o diz: «Na Biblioteca de Santa Cruz é uma zona balnear frequentada pela classe média alta, alguns bairros de lisboetas que vêm para cá. Provavelmente é por isso que este ano nota um ten-dência para crescimento. Porque acaba-se criar hábi-tos mais gente a requisitar. Mas há adultos que requisitam profissionais, por exemplo. Gosto-mos algumas. Também temos leitores da nossa Biblioteca em Torres Vedras que vêm cá. Ou que vão lá e depois vêm cá. Ou que vão lá e depois vêm cá. Ou que vão lá e depois

AND THE WINNER IS...



Fernando Vazquez Mahia

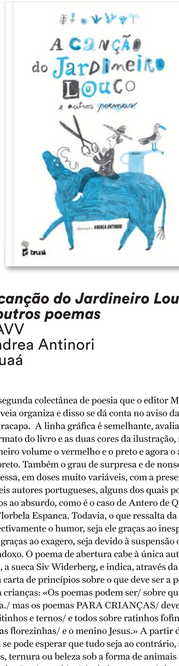
Catálogo Ibero-americano de Ilustração

O ilustrador argentino Fernando Vazquez Mahia é o vencedor da 10ª edição deste catálogo que resulta de um concurso de ilustração promovido anualmente pela Feira Internacional do Livro de Guadalajara e pela Fundação SM. De um conjunto de 1026 ilustradores ibero-americanos o júri escolheu 41 para integrarem o catálogo cuja capa será ilustrada por Fernando Vasquez Mahia. Eva Evita é a única portuguesa presente nesta seleção com uma série intitulada Viagem. O ilustrador argentino contará também com um espaço privilegiado na exposição das ilustrações do catálogo Iberoamerica Ilustra que estarão patentes na Feira de Guadalajara, onde será lançado o catálogo, em dezembro de 2019. Depois da Feira a exposição circulará pelo mundo em itinerância, divulgando o trabalho destes ilustradores.

Eva Evita (Portugal)

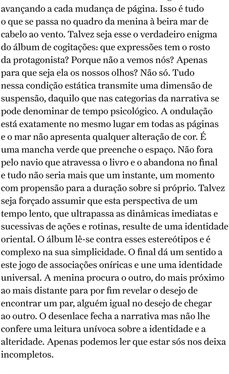
ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



A canção do Jardineiro Louco e outros poemas
AAVV
Andrea Antinori
Bruaá

É a segunda colectânea de poesia que o editor Miguel Gouveia organiza e disso se dá conta no aviso da contracapa. A linha gráfica é semelhante, avaliando o formato do livro e as duas cores da ilustração, no primeiro volume o vermelho e o preto e agora o azul e o preto. Também o grau de surpresa e de nonsense regressa, em doses muito variáveis, com a presença de seis autores portugueses, alguns dos quais pouco dados ao absurdo, como é o caso de Antero de Quental ou Florbela Espanca. Todavia, o que ressalta da leitura é efectivamente o humor, seja ele de graças ao inesperado, seja graças ao exagero, seja devido à suspensão ou ao paradoxo. O poema de abertura cabe à única autora viva, a sueca Siv Widerberg, e indica, através da ironia, uma carta de princípios sobre o que deve ser a poesia para crianças: «Os poemas podem ser/ sobre qualquer coisa./ mas os poemas PARA CRIANÇAS/ devem ser/ bonitinhos e ternos/ e todos sobre rainhas fofinhos,/ lindas florezinhas/ e o menino Jesus.» A partir daqui bem se pode esperar que tudo seja ao contrário, sem Jesus, ternura ou beleza sob a forma de animais de pelúcia. Por isso a história do lesmo que vinha casar e demorou demasiado tempo e a chegar, ou do Íbis que fica assente numa única pata, ou ainda a vaca violeta não são de estranhar. Claro que os poemas não se resumem a histórias de animais. Também as há de aviadores, condessas, bigodes, cirurgias e caixas e sacos. Os temas variam entre o amor, a família, a solidão, o acidente, a estranheza. Já as formas podem ser visuais ou sonoras. Há, portanto, poemas para todos os gostos e muitas entoações. Só não entram flores nem ratinhos. O mais perto que há disso é uma avesaleneira, um papa, pulgas e pelo menos dois elefantes. Algumas associações precisam de releitura, outras de esclarecimentos mas o mais importante talvez seja que o leitor aceite o pacto de loucura do poema de Lewis Carroll que empresta o nome ao título da colectânea: *A canção Jardineiro Louco*. Que a entoe enquanto imagina o que o jardineiro pensa que vê e o que depois afirma ver. Só isso é exercício mais do que suficiente para entrar neste mundo precioso onde constam outros nomes tão diferentes entre si como o de Bertolt Brecht, Robert Desnos ou Federico García Lorca. A ilustração complementa os poemas, ora dando pistas de sentido ora ampliando o seu desconcerto, como acontece por exemplo em «Um cão ambíguo» de Arthur Guiterman. Já na ilustração do último poema, e sem qualquer referência textual, regressam os ratinhos. Se são fofinhos?...



Para lá do oceano
Taro Gomi
Orfeu Negro

Só numa planície a sensação de infinito é tão próxima. Observar o mar calmo até ao horizonte é uma experiência de sugestão e imaginação. Quando o espaço se determina pelos nossos limites a nossa percepção de fronteira altera-se. O que a vista não alcança existe sem nós, está ali mas não se revela. O desejo permite viajar e é exatamente isso que a menina que se apresenta sempre de costas para o leitor se propõe fazer: uma viagem de observação e suposição mental que parte de uma associação óbvia para ir navegando numa lógica sem eixo causal ou símbolo evidente. O leitor assiste à transformação da metade superior das ilustrações de página dupla, que acolhem as respostas hipotéticas da menina ao seu próprio questionamento: o que haverá do outro lado do oceano? Navios, campos de cultivo, cidades, crianças, diversões, animais, monstros... A escala a que são representados, na parte superior da folha, contrasta com uma dimensão mais pequena da menina na praia, junto ao mar. Isto cria um efeito de desajuste que assim não permite, excepto no início e no fim, que o outro lado do oceano seja equivalente ao que a menina, e nós com ela, conseguimos ver de facto. O que está para além disso é fruto da imaginação, é um lugar outro, mesmo que previsível.
Enquanto se sucedem esses novos lugares algo se vai alterando na metade inferior das ilustrações, quase na linha do horizonte: um barco vai navegando, avançando a cada mudança de página. Isso é tudo o que se passa no quadro da menina à beira mar de cabelo ao vento. Talvez seja esse o verdadeiro enigma do álbum de cogitações: que expressões tem o rosto da protagonista? Porque não a vemos nós? Apenas para que seja ela os nossos olhos? Não só. Tudo nessa condição estática transmite uma dimensão de suspensão, daquilo que nas categorias da narrativa se pode denominar de tempo psicológico. A ondulação está exatamente no mesmo lugar em todas as páginas e o mar não apresenta qualquer alteração de cor. É uma mancha verde que preenche o espaço. Não fora pelo navio que atravessa o livro e o abandona no final e tudo não seria mais que um instante, um momento com propensão para a duração sobre si próprio. Talvez seja forçado assumir que esta perspectiva de um tempo lento, que ultrapassa as dinâmicas imediatas e sucessivas de ações e rotinas, resulte de uma identidade oriental. O álbum lê-se contra esses estereótipos e é complexo na sua simplicidade. O final dá um sentido a este jogo de associações oníricas e une uma identidade universal. A menina procura o outro, do mais próximo ao mais distante para por fim revelar o desejo de encontrar um par, alguém igual no desejo de chegar ao outro. O desenlace fecha a narrativa mas não lhe confere uma leitura unívoca sobre a identidade e a alteridade. Apenas podemos ler que estar sós nos deixa incompletos.

sara ma. gui ana

Para este número de Agosto, a Saramaguiana recupera um texto de José Saramago intitulado Noite de verão publicado originalmente no jornal A Capital *e que integra o volume de crónicas Deste Mundo e do Outro.*

NOITE DE VERÃO
JOSÉ SARAMAGO

Guardada está a crónica para quando se há de escrever. O meu tema, hoje, era outro. Duas ou três ideias estavam já apontadas, e até o começo ganhara forma: «Grandes e desvairadas são as virtudes do povo português». Mas aconteceu-me um pequeno passeio depois do jantar, por estas ruas mornas, a ouvir as vozes tranquilas daqueles a quem o verão fez sair de casa. Andando, fui dar a um jardim voltado para o rio, e este milagroso Tejo, coberto de luzes que se espalham pela água e parecem afundar-se nela como trémulos pilares – este céu de veludo negro (a imagem está cansada, mas quem pode evitá-la?), esta a atmosfera macia que nenhuma aragem perturba — tudo isto me envolve de paz, de acordo com o mundo, como se lentamente fosse atravessando o limiar das felicidades possíveis. E então empurrei para o lado esse ceticismo que a toda a hora perpassa ou se instala nas minhas prosas – e abri, num gesto de rendição, as portas do meu desencanto às harmonias da noite.

Aquele homem, por exemplo, ali deitado na relva, não se mexeu desde que cheguei. Tem o rosto assente na frescura vegetal, mas não dorme. Respira o cheiro da terra, alimenta-se dele, e talvez não o saiba. E aquela mãe, sentada no chão, ao lado do carrinho onde o filho começa a viver, está quieta, silenciosa, com os olhos vagos, ou não, os olhos dela têm uma serenidade de lago sob o luar. Os bancos estão cheios de gente repousada, e as crianças correm e chamam-se umas pelas outras, como é seu costume, mas os gritos não ferem, vêm como que algodoados por esta densidade tépida do ar. Encostados às grades do jardim, um rapaz e uma rapariga (um homem e uma mulher) murmuram interminavelmente, numa espécie de êxtase que os envolve e se comunica, em ondas, como o ressoar lento de um gongo no fundo de um vale. E de repente vejo a mulher beijar a lança de ferro da grade, e compreendo, sem nada saber do que estão dizendo, que talvez não se tenha dado nunca um beijo de amor assim.

Digo adeus à crónica amarga, à deceção que é a vida neste canto do planeta, irremediavelmente a minha terra (e não quero outra), e contemplo, do alto do jardim, a noite de verão, o rio luminoso, esta paz não aprendida. Sei que amanhã tudo será diferente, que escreverei a crónica adiada – arma da minha guerra contra as indiferenças e as abdicações —, mas não quero ser ingrato diante deste esplendor. Deixo cair os braços, deixo que entrem em mim os eflúvios, os aromas, os sons, a riqueza da noite. E respiro devagar, como se respirasse a imortalidade.

O rapaz e a rapariga deitaram-se na relva. Estão calados agora, estendidos de costas, como os rostos voltados para o céu. Não se tocam, e contudo, vejo-os fundidos um no outro, com um só pensamento e uma vontade só. A terra é para eles um leito onde continuamente se consumam núpcias. Têm a sabedoria infinita dos apaixonados, a serenidade da razão.

O homem solitário continua o seu diálogo silencioso com as folhas verdades. Moveu-se, agora, atento, como quem se prepara para ouvir um grande segredo. E é então que subitamente cai um grande silêncio sobre o jardim. A noite e o verão são alegria, calma, esperança confiante. O rapaz segura a mão da sua companheira, ela volta o rosto para ele. E sorri.

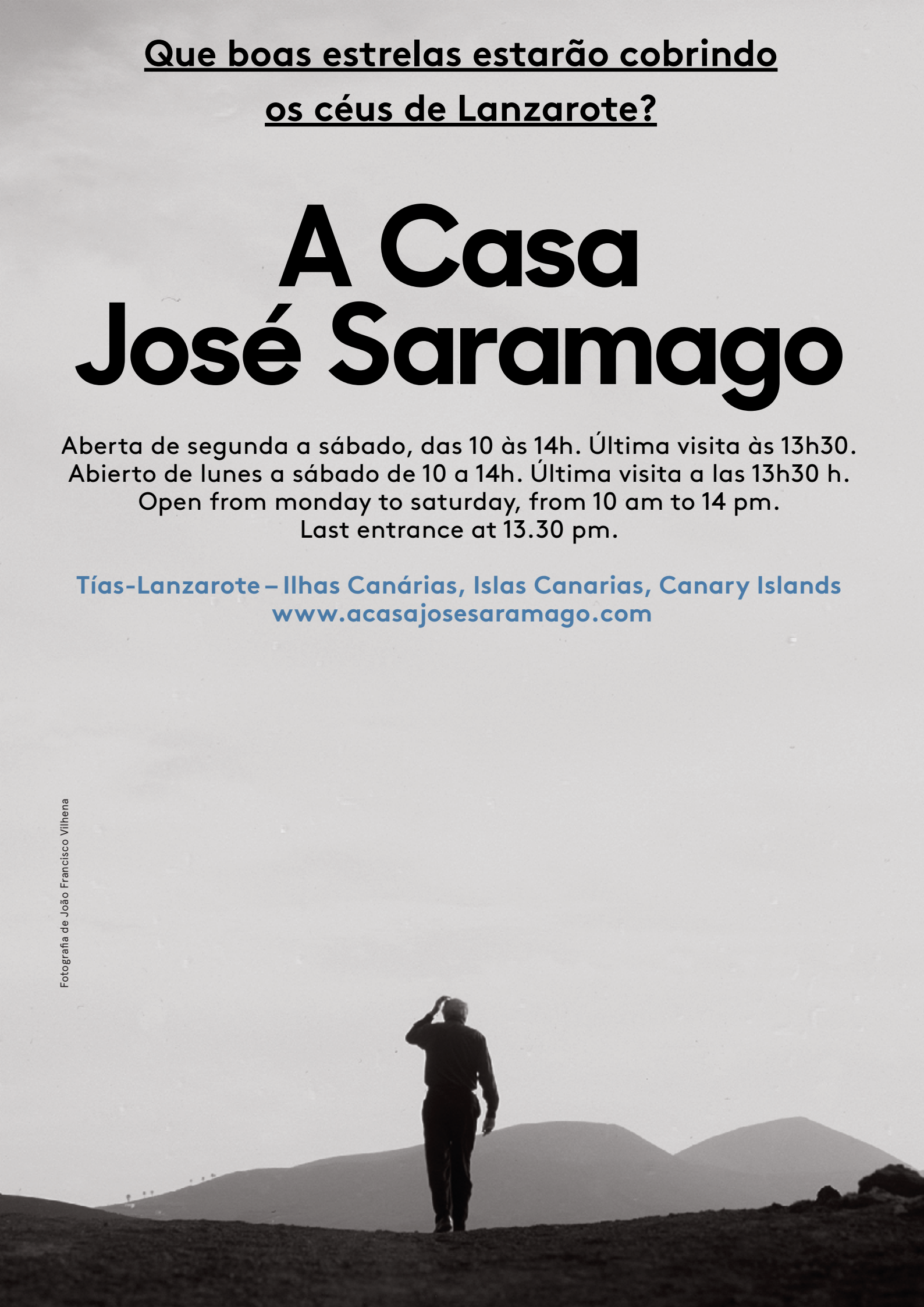
fotografias de Jorge Silva

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

Até 10 setembro
Una Arxiva del DIY

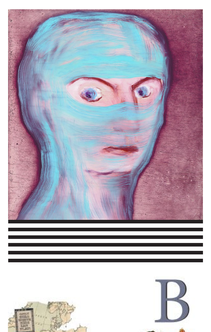
Exposição que compõe um arquivo de edições realizadas por coletivos, associações e grupos em auto-gestão associados ao feminismo e às lutas e identidades queer, com a relação entre música e desenho como tema central. Barcelona, Museo de Arte Contemporánea. ▶

Até 12 setembro
Lusco-Fusco

Até meados do próximo mês, o Polo Cultural Gaivotas volta a abrir o seu palco à cultura com uma programação variada que inclui filmes, concertos, performances teatrais e gastronomia. Lisboa, Polo Cultural Gaivotas. ▶

Até 22 setembro
Plasticus Maritimus – uma espécie invasora

Exposição criada por Ana Pêgo com o lixo recolhido em praias de Cascais, alertando para as questões ambientais e propondo algumas medidas, individuais e coletivas, para inverter o rumo drástico que os oceanos estão a tomar. Coimbra, Museu da Água. ▶



Até 6 outubro
Tell the World About Us

Fotografias que retratam o quotidiano de pessoas presas, isoladas, torturadas ou condenadas, vítimas de regimes autoritários, leis injustas, preconceitos e guerras um pouco por todo o mundo. Porto, Centro Português de Fotografia. ▶

Até 14 outubro
Miriam Cahn. Todo es igualmente importante

Retrospetiva da artista plástica suíça cujo trabalho recorre a diferentes linguagens plásticas, sempre com o corpo no centro da reflexão, enformada por uma prática assumidamente feminista. Madrid, Museo Reina Sofía. ▶

Até 20 outubro
O ABC da Europa Racista

Exposição da artista peruana Daniela Ortiz, reunindo diferentes narrativas visuais em torno de conceitos como nacionalidade, colonialismo, racismo e eurocentrismo. Almada, Casa da Cerca. ▶

Até 15 novembro
Sertão

Eis o título e o tema do 36.º Panorama da Arte Brasileira, com trabalhos de vinte e nove artistas e coletivos de diferentes regiões do Brasil. São Paulo, Museu de Arte Moderna. ▶

3 a 20 setembro
José Saramago – 20 anos do Prémio Nobel

Exposição que assinala o aniversário da atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago. Odemira, Biblioteca Municipal. ▶

11 setembro a 19 outubro
Emília

"Estamos mesmo alheados daquilo de que os outros precisam? Onde nasce este afastamento?" Assim questionam os Artistas Unidos, anunciando a estreia, em setembro, de uma peça do dramaturgo argentino Claudio Tolcachir. Lisboa, Teatro da Politécnica. ▶

Neste Algarve, toda a praia que se preze, não é praia mas é beach, qualquer pescador fisherman, tanto faz prezar-se como não, e se de aldeamentos (em vez de aldeias) turísticos se trata, fiquemos sabendo que é mais aceite dizer-se Holliday's Village, ou Village de Vacances, ou Ferienorte.

Viagem a Portugal